

Estação Sé completa 40 anos fazendo a história do Metrô

A mais central e movimentada da capital paulista, a Estação Sé da Companhia do Metropolitano de São Paulo (Metrô) está completando 40 anos de existência. Diariamente, 600 mil passageiros circulam pelo local. Construída no marco zero da cidade, na Praça da Sé, causou impacto antes mesmo de abrir ao público no dia 17 de fevereiro de 1978. A implosão em 1975 do edifício Mendes Caldeira, de 30 andares, durou oito segundos, mas o espetáculo continua vivo na memória da cidade e dos metroviários.

A construção da estação mais movimentada do sistema metroviário exigiu a implosão de três edifícios; hoje, por ali, passam 600 mil pessoas por dia



“Nunca tinha visto nada parecido. A implosão jogou um prédio inteiro no chão. Foi uma comemoração na cidade”, lembra João Silva, operador do Centro de Controle Operacional (CCO) do Metrô, que integrou a primeira turma de operadores de trens da Estação Sé, em 1978, um ano após ingressar no Metrô de São Paulo. “Somente os comícios das *Diretas-Já*, na Praça da Sé (em 1984), tiveram impacto tão grande”, compara Silva que há 41 anos trabalha na empresa e atua na área de treinamento de novos operadores de CCO.

“Foi a primeira implosão na América Latina e assisti pela televisão. A Praça da Sé ficou transformada com as obras; a Estação Sé ficou parecida com uma cidade pelo número de pessoas em movimentação”, comenta Cesar Romero Quintanz, coordenador operacional da Linha 2-Verde. “Quando o Metrô chega, há mudanças nas estruturas locais e no comportamento das pessoas. Nós educamos os usuários para usar o sistema metroviário. O que seria de São Paulo sem o Metrô?”, questiona Quintanz. Silva acrescenta: “A expansão metroviária leva a cidade a crescer”.

Ponto de referência – Para continuar o avanço subterrâneo de trilhos mais dois edifícios foram implodidos, o Palacete Tina, de sete andares; e o edifício Irmãos Condo, de 12 pavimentos (*veja mais deta-*

lhes no boxe). Foram três anos de construção e, antes mesmo de as obras estarem totalmente concluídas, o Metrô passou a operar entre as estações Sé e Brás, primeiro trecho da Linha 3-Vermelha (ligação Leste Oeste) com viagens assistidas. “Era um trem só, que ia e voltava; um modelo antigo, de cabine pequena”, comenta Silva, da equipe inicial de condutores. “A estrutura física da Estação é a mesma de hoje, mas o piso estava com tapumes e havia muitas obras em andamento”, recorda Silva.

A Estação Sé faz a integração das linhas Azul e Vermelha, as duas mais movimentadas do sistema. Quando foi inaugurada, “tornou-se ponto de referência na cidade. A população saía no horário do almoço para visitar as instalações”, comenta Quintanz. A comemoração teve presença de autoridades, artistas de Rádio e TV e apresentação da Banda da Polícia Militar e da Escola de Samba Vai-Vai e até um show pirotécnico. Milhares de pessoas passaram pela estação em seu primeiro dia de funcionamento.

Melhorias – As primeiras bilheterias e os bloqueios (catracas) faziam parte da rotina de trabalho Quintanz e de Carmelita Benedita da Silva, operadora de transporte metroviário da Estação Sé, quando ingressaram no Metrô em 1982. Localizadas no espaço onde atualmente repousa a *Garatuza*, obra do artista Marcello Nitsch, as bilheterias vendiam 12 tipos de bilhetes, todos em papel, além do passe escolar, recorda Carmelita. No setor de Achados e Perdidos, os obje-

tos esquecidos eram “contabilizados” em livro de contabilidade.

“Era tudo feito à mão. Havia filas enormes para comprar bilhete e passar nos bloqueios. Não havia computador. Hoje, a venda é eletrônica e temos validadores de bilhetes. Com a informática, tudo melhorou bastante”, avalia Carmelita. Outra mudança foi o aumento no número de passageiros e de ocorrências. “Temos equipamentos, treinamentos e estratégias para evitar acúmulo de usuários nas plataformas, evacuar pessoas em situação de emergência e lidar com eventualidades”, assegura.

“O usuário tende a se apavorar, mas estamos preparados para atender ocorrências e atuar em sincronismo”, tranquiliza Carmelita. Enfatiza que catracas, escadas rolantes, entre outros equipamentos e os funcionários são direcionados de acordo com o fluxo de pessoas pela estação. Passageiro ter mal súbito era quase raridade; agora, faz parte da rotina. Em média, são 20 pessoas socorridas por dia.

Ocorrências – Os metroviários recebem treinamento no Instituto do Coração (Incor) para identificar casos de AVC, infarto, diabetes, entre outros, e prestar atendimento até a chegada de socorro especializado, informa Carmelita. “Fazemos até partos, de dois a três por ano”. Os Bombeiros são responsáveis pelos treinamentos anuais de combate a incêndio. Como supervisor geral da Estação Sé, de 2010 e 2014, Quintanz lidou com o desafio de transportar os torcedores durante a Copa do Mundo em 2014.

“Jogos, manifestações e protestos são momentos de tensão para o transporte público. E a Estação Sé tem um diferencial

Um marco na engenharia

A construção da Estação Sé do Metro de São Paulo foi noticiada, na época, como uma das maiores obras urbanas do mundo. Para que a Sé existisse tal como é vista hoje, foi necessário que três edifícios de grande porte fossem implodidos: edifício Mendes Caldeira, Palacete Tina e o edifício Irmãos Condo. As obras duraram três anos e empregou aproximadamente 2,5 mil operários.

Curiosidades:

- Foram utilizadas cinco mil toneladas de perfis metálicos de 90 mil m³ de concreto (10% a mais do que na construção do estádio do Maracanã) e retirados 127 mil caminhões de terra.
- A estação dispõe de 28 escadas fixas, 38 rolantes e 2 elevadores
- As catracas giram cerca de 180 mil vezes por dia
- A Estação conta com seis obras de arte do acervo permanente do Metrô
- Tem rede wi-fi disponível para os usuários

por ser o principal elo de ligação do sistema metroviário, que é a artéria da cidade. Temos de aliar equipamentos, estratégias e experiência para que a engrenagem funcione bem. Antes, uma falha de 20 minutos na Sé provocava um caos no sistema inteiro”.

Claudeci Martins

Imprensa Oficial – Conteúdo Editorial



João Silva, um dos pioneiros na Estação da Sé



Carmelita: “Havia filas, era tudo feito à mão”



Quintanz: “O que seria de São Paulo sem o Metrô?”